

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: "Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão"



EXISTE UMA PEDAGOGIA DA MUDANÇA EM BELCHIOR? UMA ABORDAGEM SÓCIO-HISTÓRICA DA OBRA DE ANTÔNIO CARLOS GOMES BELCHIOR FONTENELLE

Camila Gonçalves Santos¹, Fábio José Cavalcanti de Queiroz²

Resumo: A obra de Antônio Carlos Gomes Fontenelle Belchior não é outra coisa senão o produto de múltiplos prismas, resultando em sentidos plurais e multifacetados. No presente trabalho, buscamos recuperar uma parte desse múltiplo modo de compor que abarca o universo líteromusical de Belchior, no qual as potencialidades de um lado pedagógico informal perpassam a sua retórica e poética e nelas a ideia de mudança acompanha todo seu trajeto. Desse modo, objetivamos analisar a existência de uma pedagogia da mudança na obra do compositor cearense, buscando as relações dessa pedagogia com o contexto histórico em que Belchior estava inserido.

Palavras-chave: História. Belchior. Música Popular Brasileira.

1. Introdução

Os primeiros trabalhos de Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle chegam às mãos do público quase ao findar da primeira metade da década de 1970. O Brasil vivia o auge da repressão política que caracterizou o regime ditatorial. Nos países fronteiriços, a situação não era mais simples. O Chile e o Uruguai, que traziam em sua tradição o que a historiografia havia consagrado como regimes políticos civilistas e constitucionalistas, vinham de sofrer golpes de Estado de inusitada violência (ROUQUIÉ, 1984). No ano em que Belchior lança o álbum *Alucinação* (1976), a Argentina vivia situação semelhante, com um grau de brutalidade que assustou o mundo à volta. No Brasil, quando Belchior começava a cancelar seu nome junto à indústria fonográfica, a Guerrilha do Araguaia era sufocada e os seus integrantes impiedosamente dizimados pelo exército. Ernesto Geisel substituiria Médici e a ditadura parecia se perpetuar.

Nesse tempestuoso ambiente político do Brasil, a voz anasalada de Belchior, à moda de Dylan, ganha publicidade. Embora o primeiro disco do cantor, intitulado simplesmente Belchior, tenha vido à lume em 1974, foi somente em 1976, com o lançamento do seu segundo disco (*Alucinação*), que Belchior começa a ser conhecido pelo chamado grande público. Nessas duas obras, a hipótese de uma pedagogia da mudança aparenta acompanhar o trabalho do músico cearense.

Vivendo ainda sob a tempestade dos anos 1970 (NOVAES, 2005), Belchior não deixou de gritar angustiadamente contra o conformismo e as durezas de

1 Graduanda em História pela Universidade Regional do Cariri. Email: camilagws@gmail.com

2 Professor do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri. Email: fabiojosequeiroz@yahoo.com.br

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: “Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão”



um tempo sobre o qual não era possível contemporizar. Com essas credenciais, o músico emerge no “sul maravilha”, onde “nada é divino, nada é maravilhoso” (BELCHIOR, 1976). A esse tempo, Belchior está imerso num país que se urbaniza violentamente e cujo regime militar-empresarial desce com todo seu peso sobre a sociedade brasileira. O governo militar se reforça internamente, e, do mesmo modo, reforça os seus laços com os congêneres vizinhos com vistas a coordenar a repressão aos seus opositores (“Operação Condor”). O Brasil, nesse turbulento contexto, se integra à América Latina, e a literatura e música brasileiras começam a se sentir partes constituintes de uma América Latina que, atravessando difíceis períodos ditatoriais, deixa na arte um legado libertário.

Vê-se, pois, que, inelutavelmente, Belchior é filho desse tempo, e “derramava em versos sua indignação e disposição para o combate” (MEDEIROS, 2017, p. 59). Vale acentuar que nosso autor se inclui entre os jovens que perderam a guerra contra o sistema de poder ditatorial, mas não perderam de vista as possibilidades de inverter esse curso errático da história. Em Belchior, o artista atuante retoma o sentido de mudança em um mundo que, aparentemente, rejeita qualquer modalidade de desencaixe ou ruptura revolucionária.

Está presente na obra do artista a dialética entre o antigo e a aspiração ao novo, que resulta em uma síntese superior que é a mudança. É quase como se ele dissesse: a mudança é inevitável. A nosso ver, a retórica poético-musical sinaliza para um método de exposição perpassado pelo signo da mudança, de modo que ele assinala: “O que transforma o velho no novo/ Bendito fruto do povo será” (BELCHIOR, 1976). Ao que parece, a pedagogia da mudança, presente na obra de Belchior, tem um sujeito, e esse sujeito, inevitavelmente, é o coletivo.

A fim de sustentar nossa análise sobre a existência de uma pedagogia da mudança na obra do cantor e compositor Belchior, levamos em conta a produção oriunda da análise musical e/ou histórico-musical, o que exige a utilização de autores e textos teóricos que, direta ou indiretamente, se debruçaram sobre a Música Popular Brasileira (MPB). Desse modo, nos servirá o trabalho de Bahiana (2005), que realiza um estudo mais centrado na obra musical como objeto de arte plasmado na especificidade, e Napolitano (2005), que desenvolve uma interpretação que alinha, de modo mais direto, música, cena pública e história. A complementação desses textos com trabalhos de linhagem sócio-histórica – Rouquié (1984), Béhague (1979), Novaes (2006), Ridenti (2010) etc. – obedece à necessidade de oferecer uma fundamentação social e histórica a toda *démarche*, desde já figurada. No caso de Freire (1979), a intenção é criar um suporte teórico para a discussão sobre práticas pedagógicas e mudança social.

2. Objetivos

No decurso da pesquisa, objetivamos examinar a existência de uma pedagogia da mudança na obra do cantor e compositor Belchior. Através da análise do trabalho musical dele, intentamos recuperar o contexto histórico da

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: “Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão”



década de 1970, examinar o Brasil dessa época no quadro da América Latina e discutir o sentido de mudança nos anos 1970 à luz das canções do compositor sobralense. Nosso trabalho, partindo da hipótese de que há uma pedagogia da mudança na discografia de Belchior, sobretudo no disco *Alucinação* (1976), procura também estabelecer algumas conexões entre o conhecimento histórico e outros campos do saber, como as práticas pedagógicas e o uso das canções populares como objeto de investigação.

3. Metodologia

A principal metodologia norteadora da pesquisa é a análise da própria obra de Antônio Carlos Belchior. A ênfase do trabalho concentra-se no estudo do álbum *Alucinação* (1976), provavelmente o disco mais representativo de Belchior no que concerne ao tema da mudança social. Porém, o exame da obra do cantor não cessa nesse ponto, pois nos valem de outros trabalhos do artista, dentre as quais podemos destacar: *Bahiuno* (1993), *Era uma vez o homem e o seu tempo* (1979) e *Pequeno mapa do tempo – Belchior 70 anos* (2017). Com esse processo de mergulho nos textos de Belchior, pretendemos reconstituir a trajetória histórica e cultural dos anos 1970, quando o Brasil se entranhara nos porões da ditadura, mas também do período imediatamente posterior, que se caracterizara pelo restabelecimento das liberdades democráticas.

Consideradas as partes de análise dos álbuns e dos estudos que possam iluminar o afã investigativo, pensamos que é possível explorar outros acervos disponíveis, dentre eles: livros sobre a vida de Belchior, fotografias, revistas, vídeos, jornais e materiais diversos que constituam fontes fecundas de averiguação do itinerário do músico, buscando respostas para as principais questões germinadas e proporcionadas por este trabalho.

4. Resultados

A partir da hipótese norteadora do nosso trabalho, reconstruímos o contexto histórico dos anos 1970, perpassados pelo militarismo no âmbito da América Latina e período em que Belchior despontou no cenário nacional. Tendo como objeto de estudo a obra artista cearense, nos foi possível nela perceber a dialética entre o antigo e o desejo do novo, cuja síntese é a mudança. Além disso, percebemos o tema da mudança social como uma perspectiva que é reiteradas vezes destacada na obra de Belchior, perspectiva essa que estava alinhavada com o contexto político de repressão que o circundava.

Ademais, em suas obras, notamos a identificação de alguns dos sujeitos que protagonizam e que não de se favorecer com a mudança: “o preto, o pobre, o estudante, uma mulher sozinha e os humilhados do parque com o seus jornais” (BELCHIOR, 1976). Conjecturamos que reside, no signo da mudança, a peculiar pedagogia de Belchior, e mudar é a palavra-chave que compõe o essencial da sua gramática, do seu vocabulário e da sua pronúncia. Em menor ou maior medida, a depender do período e do disco, ela acompanha

V SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIII Semana de Iniciação Científica

07 a 11 de Dezembro de 2020

Tema: “Os impactos e desafios da pandemia COVID no ensino, pesquisa e extensão”



todo o seu trajeto e finca raízes nas obras que marcaram o mundo da discografia no Brasil.

5. Conclusão

“O novo sempre vem” (BELCHIOR, 1976), assim cantava o rapaz latino-americano. Poucos autores da música brasileira se apaixonaram tanto pela ideia de mudança, e a esgrimiram em suas composições com tanto ardor e frequência, como fez o autor de *Velha roupa colorida*, canção na qual ele declara que “uma nova mudança em breve vai acontecer” (BELCHIOR, 1976). Em um mundo social submerso na ausência de liberdades, Belchior cantou mudanças, encarou e desejou o novo, que foi uma das ideias-chaves de sua arte.

Relidas de distintas angulações, as músicas de Belchior tem um tom de transfiguração das pessoas e dos objetos, da realidade humana e das coisas. Portanto, trazer à tona essa ideia de pedagogia da mudança em Belchior pode acrescentar caminhos e um maior lastro aos estudos que, ao longo das últimas décadas, buscaram cotejar canção popular, história e práticas educacionais, e num sentido mais amplo, aproximar distintas linguagens e distintos campos dos saberes.

6. Referências

- BAHIANA, Ana Maria. A “linha evolutiva” prossegue – a música dos universitários. In: NOVAES, Adauto (org). **Anos 70 – ainda sob a tempestade**. Rio de Janeiro: Senac, 2005.
- BÉHAGUE, Gérard H. A música latino-americana – 1920-1980. In: BETHELL, Leslie (org). História da América Latina – **A América Latina após 1930**: ideias, cultura e sociedade. São Paulo: USP, 2011.
- BELCHIOR. **Alucinação**, Poly Gram, 1976.
- _____. **Bahiuno**, Movie Play Digital, 1993.
- _____. **Era uma vez o homem e o seu tempo**, Warner, 1979.
- _____. **Pequeno mapa do tempo** – Belchior 70 anos, Warner, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MEDEIROS, Jotabê. **Belchior Apenas um rapaz latino-americano**. São Paulo: Todavia, 2017.
- NAPOLITANO, Marcos. MPB: totem-tabu da vida musical brasileira. In: **Anos 70: trajetórias**. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2005.
- NOVAES, Adauto (org). **Oito visões da América Latina**. São Paulo: Senac, 2006.
- RIDENTI, Marcelo. **Brasilidade revolucionária**. São Paulo: UNESP, 2010.
- ROUQUIÉ, Alain. **O Estado militar na América Latina**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1984.